

NOV/DEZ/1987 - Nº 6

Ministério

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Adventista



É o Criacionismo Científico?

1070

ARTIGOS

3 É O CRIACIONISMO CIENTÍFICO?

Dr. Ariel Roth

7 ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL FAZ 65 ANOS

Pastor Floy Bresse

13 ARMAGEDOM: LOCAL E SIGNIFICADO

William H. Shea

Gerente Geral: Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Editor:** Almir A. Fonseca; **Diretor de Arte:** Paulo S. Gusmão; **Programadora Visual:** Vilma B. Piergentile; **Capa:** Card; **Colaborador Especial:** Daniel Belvedere; **Colaboradores:** João Wolff, Severino Bezerra, Pável Moura, Luís Nunes, Jefe de Carvalho.

Todo artigo ou qualquer correspondência para a revista O MINISTÉRIO ADVENTISTA devem ser enviados para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 — 70279 — Brasília, DF. Editado bimestralmente pela CASA PUBLICADORA BRASILEIRA. Rodovia SP 127 — km 106 — Caixa Postal 34 — 18270 — Tatuí, SP.



7605

É o Criacionismo Científico?

Muitos de nós nos sentimos chocados com o desastroso terremoto que sacudiu a Cidade do México em 19 de setembro de 1985, matando cerca de 8.000 pessoas. Ficamos também chocados, dois meses depois, quando um fluxo de lama, resultante de uma erupção vulcânica, destruiu a maior parte da cidade de Armero, na Colômbia, sepultando pelo menos 20.000 pessoas. Por que fomos surpreendidos por esses desastres? Em ambos os casos houve alertas. Nossas reações suscitam algumas interrogações de interesse acadêmico, mas também, e mais importante ainda, suscitam perguntas relacionadas diretamente com a crença ou descrença na narrativa de Gênesis, de um dilúvio universal.

Uma breve revisão histórica ajudará a esclarecer as questões que se acham envolvidas. Por volta do fim do século dezoito, estava em fermentação certo número de controvérsias geológicas — algumas das quais acaloradas.¹ Entre elas, encontrava-se a proposição bastante controversa do famoso geólogo escocês James Hutton, segundo a qual a crosta terrestre surgiu como resultado de lentas mudanças ao longo das eras. Sua proposição contrariava o conceito então vigente de que as grandes catástrofes foram os agentes importantes da alteração geológica. (O número e o tipo de catástrofe sugeridos variavam de acordo com o teórico. Alguns consideravam o dilúvio universal descrito em Gênesis como sendo a principal catástrofe.) Enquanto os escritos de Hutton obtinham fama de obscuros, a verdade é que ele pretendia explicar a alteração geológica a partir de processos demorados e normais: “Que mais podemos exigir? Nada, a não ser tempo.” Em sua exposição mais famosa (publicada inicialmente em 1788), ele estendeu seu realce sobre o natural até os limites do passado e do futuro: “O resultado, portanto, de nossa investigação presente é que não encontramos nenhum vestígio de um começo

— nem perspectiva de um fim.”

Vários outros cientistas entraram na controvérsia sobre em que proporção deveria a alteração geológica ser considerada normativa. Sir Charles Lyell, o mais importante deles, salientou com mais vigor ainda do que o seu predecessor Hutton, a importância de mudanças pequenas e lentas. Numa carta a seu colega geólogo, Roderick Murchison, ele declarou que “nenhuma causa, absolutamente, agiu sempre, desde a época mais remota, à qual possamos volver-nos, no presente, a não ser aquelas que agora agem... e elas jamais agiram com poder maior do que aquele que agora exercem.”

Lyell publicou uma obra maior, *Principles of Geology* (1830-1833), que chamou de polêmica, “para humilhar os diluvianistas” (aqueles que criam num dilúvio universal, como se acha descrito no livro de Gênesis). Ele foi mais bem-sucedido do que Hutton em obter apoio para o conceito de mudanças lentas. Foi também mais hábil na maneira de argumentar. Uma carta que escreveu a um ativo defensor, revela um pouco de sua metodologia: “Se você... saudar a liberalidade e a franqueza da época presente, os bispos e os santos iluminados se juntarão a nós em fazer pouco caso tanto dos físicos-teólogos antigos quanto dos modernos.”

Aparentemente, os métodos de Lyell deram certo, pois logo a maioria dos geólogos e outros estudiosos adotaram conceitos rígidos de mudanças lentas de longos períodos de tempo. Essa nova interpretação se colocava em franco contraste com o relato histórico da Bíblia, que fala de uma criação recente, e de um dilúvio universal que poderia ter produzido muitos dos aspectos geológicos em discussão.

Durante esse tempo, as palavras *uniformitarianismo* e *catastrofismo* passaram a ser usadas para descrever as duas linhas contrastantes de pensamento. O catastrofismo refere-se ao conceito de que as maio-

res catástrofes, em geral de conseqüência universal, foram a causa principal na formação da crosta terrestre. O uniformitarianismo diz respeito à teoria de que as alterações ocorreram como resultado de processos normais, que se operaram em longos períodos de tempo. Os termos sofreram, recentemente, algumas mudanças de significado em seu uso clássico, mas ainda permanece o contraste entre as duas linhas de pensamento.

O CATASTROFISMO PERDE TERRENO

1. O catastrofismo muitas vezes esteve associado com interferência sobrenatural, e durante a época do debate a Ciência foi-se emancipando de conceitos errôneos, procurando explicar tudo em sua própria estrutura naturalista. A teoria da evolução, que se desenvolvia nessa época, é um exemplo. Um pouco antes o próprio Hutton expressou sua tendência: "Portanto, não há como recorrer a qualquer suposição antinatural do demônio, a algum acidente destruidor na Natureza, ou à influência de alguma causa sobrenatural, ao explicar aquilo que realmente se apresenta."

2. Os acontecimentos catastróficos são raros, e não os introduzimos prontamente em nossa idéia.

3. A fim de demonstrar princípios científicos, é por demais desejável examinar as hipóteses, para ter certeza de que as conclusões são corretas. É muito mais fácil testar por meio de processos normais do que mediante acontecimentos catastróficos raros, e os resultados da pesquisa se inclinam, dessa forma, para o evento mais facilmente acessível e normal. Todos estes fatores, e certamente outros também, contribuíram para aplicação rigorosa das interpretações uniformitarianas na geologia.

Recentemente o quadro mudou dramaticamente. As datas das próprias rochas exigiam uma reinterpretação. O conceito de andamento demorado e constante de mudança está sendo desafiado em muitos aspectos da interpretação geológica, e as catástrofes estão novamente sendo consideradas como agentes geológicos importantes. Notai as seguintes declarações autorizadas, que põem em relevo esta recente mudança de posição:

W. Bahngrell Brown, *Geology*: "Ultimamente tem havido um importante rejuvenescimento do catastrofismo no conceito geológico."²

Derek V. Ager, *The Nature of the Stratigraphical Record*: "O furacão, a inundação e o maremoto podem fazer mais em uma hora ou em um dia do que os processos normais da Natureza o fizeram em mil anos."³

Dag Nummendal, *Geotimes*: "O grande papel da maior tempestade de toda a história geológica se está tornando cada vez mais aceito."⁴

Erle Kauffman, em Roger Lewin, *Science*: "É uma grande ruptura filosófica para os geólogos aceitarem a catástrofe como parte normal da história da Terra."⁵

No passado, o catastrofismo pode ter sido considerado totalmente não científico; agora, porém, os geólogos estão achando aceitáveis os conceitos semelhantes. Em convenções arqueológicas, são comuns agora as discussões sobre os principais acontecimentos catastróficos. Alguns cientistas, particularmente, têm-se preocupado com o fato de a nova tendência não estar associada com o sobrenatural, como às vezes esteve no século dezoito e no dezanove. Têm surgido até palavras que não *catastrofismo*, para caracterizar a nova aproximação — estas incluem *neocatastrofismo*, *episoidismo* e *eventos convulsivos* — mas a terminologia e as definições continuam sendo constantemente alteradas.

Ao passo, porém, que o uniformitarianismo já não é dogma, parece não haver nenhuma tendência para diminuir os bilhões de anos pretendidos para a história da crosta terrestre. Os teoristas defendem as longas eras para calcular os longos períodos de tempo entre os acontecimentos catastróficos. O novo catastrofismo *não* postula um acontecimento de vulto, como o dilúvio de Gênesis; não obstante, o pensamento corrente muitas vezes considera seriamente acontecimentos de significado mundial.

OS PERDIDOS INTERVALOS DO TEMPO

Os intervalos de tempo existentes entre os acontecimentos catastróficos, oferecem um argumento a mais em favor da autenticidade da narrativa bíblica das origens. O registro geológico destes intervalos não apresenta nenhuma evidência parecida com aquela que a superfície da Terra agora apresenta, dos efeitos de longa exposição a agentes desgastantes. Em geral há ausência de vestígios de erosão, do surgimento de pântanos e de restos de fósseis pelo surgimento de vida vegetal, nestes hipotéticos grandes intervalos. Tivessem ocorrido longos períodos de tempo, seria presenciada

essa espécie de evidência. Norman D. Newell, líder paleontológico evolucionista, admitiu: "Uma característica intrigante do 'erathem' (uma das principais regiões fósseis em sedimento da crosta terrestre) e das principais regiões bioestratigráficas, é a ausência generalizada de evidência física de exposição subaérea. Há a tendência de faltarem vestígios de lixiviação, de erosão, de sulcos e sedimento, mesmo onde as rochas subjacentes são calcárias... Esses estratos são vestígios em geral só identificáveis pela evidência paleontológica (fóssil)."⁶

Uma vez que esses estratos não apresentam a evidência física de longos intervalos de tempo que os cientistas evolucionistas acham que as amostras fósseis sugerem, não parece que houve jamais longos períodos entre as deposições desses estratos. A escassez desses traços dependentes de tempo, nos denominados intervalos de tempo entre muitos dos estratos sedimentares da Terra, possui um notável contraste com a erosão irregular, na atual superfície da Terra. Esses sedimentos parecem ter sido depositados em rápida sucessão, com pouco ou nenhum tempo entre os acontecimentos que precipitaram a deposição. Isto é o que deveríamos esperar de um evento catastrófico especial, como o dilúvio de Gênesis.

Uns poucos exemplos de atividades catastróficas ilustrarão quão rápida pode ser sua ação. Em 1976 a Teton Dam (Represa de Teton) em Idaho, rompeu-se e, em menos de duas horas, as águas desfizeram de uma extremidade a outra os mais de 90 metros de terra da represa. Em 1959, um terremoto no vale do rio Madison, no sul de Montana, lançou material a mais de 300 metros acima do leito do vale, formando um enorme deslizamento que se deslocou pelo vale, elevando-se a mais de 120 metros do lado oposto. Os cientistas calculam que o deslizamento tenha andado a aproximadamente 170 quilômetros por hora, e que todo o processo tenha ocorrido em menos de três minutos. Infelizmente, dezenove acampantes foram soterrados pelo deslizamento.

Em 1929, o terremoto de Grand Banks, perto de Newfoundland atirou certa quantidade de lama na orla da plataforma continental. No espaço de 14 horas, aquela lama havia viajado mais de 800 quilômetros pelo Atlântico Norte, e depositado uma nova camada de sedimento de 70 a 80 centímetros de espessura em um espaço de aproximadamente 65 mil quilômetros quadrados. Estima-se que o jato de lama tenha andado a

velocidade superior a 90 quilômetros por hora⁷ e, o que é curioso, penetrou no casco do famoso navio S.S. *Titanic*, que havia afundado nessa região em sua primeira viagem, em 1912.

Mais significativo do que o simples reconhecimento de que as alterações podem ocorrer de maneira bastante rápida, a nova tendência para o catastrofismo tem inventado a reinterpretação de vários processos que antes foram considerados lentos. Dezenas de milhares de camadas de sedimento que os cientistas consideraram inicialmente como tendo sido depositadas muito lentamente nos mares pouco profundos, são agora interpretadas como se depositadas de maneira bastante rápida, em fluxos de lama subaquáticos, denominados turbididades.⁸ Certo número dos denominados recifes de coral, formados pelo esqueleto de organismos marinhos, considerados antes como exigindo muitas centenas ou milhares de anos para se formarem, é agora tido como o resultado de rápidos fluxos de detritos.⁹ A área de Goosenecks (Pescoços de Ganso), do rio San Juan, no sudeste de Utah, possui meandros dramáticos e profundos, originalmente interpretados como tendo sido trabalhados pela erosão de maneira muito lenta. A nova evidência indica que eles foram produzidos pela rápida atividade da corrente.¹⁰

A parte sudoeste do Estado de Washington contém enormes canais formados pela erosão, alguns dos quais com dezenas de quilômetros de comprimento. Pensava-se, a princípio, que se tratasse de exemplo de erosão lenta; contudo, depois de muitos anos de discussão, concluiu-se agora que foram formados por atividade diluviana. Alguns geólogos são de parecer que uma ou mais represas de gelo que se opunham à corrente, romperam-se subitamente, soltando a água na área, à razão de mais de 15 quilômetros cúbicos por hora, que é dez vezes o curso das águas dos rios do mundo.¹¹ A Geologia percorreu um longo caminho a partir do uniformitarianismo intransigente de algumas décadas atrás, e as catástrofes principais tornaram-se novamente parte aceitável da interpretação científica.

OS PARADIGMAS INFLUENCIAM A CIÊNCIA

Podemos tirar lições dos tipos de pensamento ilustrados pelas controvérsias sobre catastrofismo. Na obra *The Structure of Scientific Revolutions*,¹² Thomas Kuhn mostra que certas idéias de comissões, que ele

chama de paradigmas, dificultam as interpretações científicas. Até onde esses paradigmas são normativos, não deve ser questionado. De uma forma ou de outra, a maioria dos dados são interpretados para ajustar-se aos pontos de vista aceitos.

O uniformitarianismo clássico apresenta um exemplo importante de como o pensamento pode ser influenciado nesse sentido. Hutton e Lyell introduziram tão fortemente o conceito da alteração geológica contínua em longos períodos de tempo, que as principais catástrofes foram completamente ignoradas por mais de um século. O efeito que esse condicionamento uniformitariano rigoroso exerceu sobre o conceito original da geologia como um todo, não pode ser facilmente avaliado; mas é, inquestionavelmente, considerável. O exemplo de adesão rigorosa a idéias aceitas, desperta perguntas moderadas quanto à validade de outras idéias dominantes na ciência (para não falar da atividade intelectual humana como um todo — não apenas a ciência está sujeita a esses episódicos exemplos de pensamento).

Visto serem raras as catástrofes, temos a tendência de ignorá-las e fundamentar nossas conclusões na comodidade habitual. A destruição causada pelo terremoto do México e pelo vulcão colombiano, pode não parecer tão devastadora se nos acomodarmos mais à realidade das catástrofes, mas o habitual domina nosso pensamento. Da mesma forma, pelo fato de um acontecimento como esse ser tão incomum, achamos difícil conceber um dilúvio universal como descrito em Gênesis. Não devemos, porém, cair na armadilha de tirar nossas conclusões apenas baseados no normal. No caso das mudanças geológicas, a catás-

trofe incomum é muito mais importante do que a calmaria comum. Felizmente, a possibilidade de catástrofes já não está sendo muito ignorada.

A nova tendência para o catastrofismo tem implicações importantes para qualquer pesquisa em favor da verdade, com respeito à história do Universo. Uma vez que tanto a Bíblia como o livro da Natureza possuem o mesmo Autor, eles deveriam estar de acordo, se corretamente interpretados. Muito da evidência do catastrofismo, encontrada nas rochas, concorda plenamente com o que esperaríamos como consequência do dilúvio universal descrito no Gênesis. A tendência atual para o catastrofismo oferece apoio à autenticidade da Bíblia.

Referências:

1. Para maior compreensão da discussão, ver o capítulo 2 de A. Hallam, *Great Geological Controversies* (Nova Iorque: Imprensa da Universidade de Oxford, 1983). As citações de Hutton e Lyell, aqui apresentadas, são deste texto.
2. W. Bahngrell Brow, "Induction, Deduction, and Irrationality in Geologic Reasoning", *Geology* 2 (1974): 456.
3. Derek V. Ager, *The Nature of the Stratigraphical Record*, 2ª ed. (Nova Iorque: John Wiley & Sons, 1981), pág. 54.
4. Dag Nummendaal, "Clastics", *Geotimes* 27, (1983): 23.
5. Erle Kauffman, citado em Roger Lewin, "Extinctions and the History of Life", *Science* 221 (1983): 935-937.
6. Norman D. Newell, "Mass Extinction: Unique or Recurrent Causes?" em W. A. Berren e John A. Van Couvering, eds. *Catastrophes and Earth History: The New Uniformitarianism* (Princeton, N. J., Princeton University Press, 1984), págs. 115-127.
7. B. C. Heezen and M. Ewing, "Turbidity Currents and Submarine Slumps, and the 1929 Grand Banks Earthquake", *American Journal of Science* 250 (1952): 849-873.
8. R. G. Walker, "Mopping Up the Turbidite Mess", em R. N. Ginsburg, ed. *Evolving Concepts in Sedimentology* (Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1972), págs. 1-37.
9. E. W. Mountjoy, H. E. Cook, L. C. Pray, e P. N. McDaniel, "Allochthonous Carbonate Debris Flows - Worldwide Indicators of Reef Complexes, Banks or Shelf Margins", *Reports of the Twenty-Fourth International Geological Congress, Montreal, 1972*, seção 6 (1972), págs. 172-189.
10. R. G. Shepherd, "Incised River Meanders: Evolution in Simulated Bedrock", *Science* 178 (1972): 409-411.
11. *The Channeled Scablands of Eastern Washington: The Geologic Story of the Spokane Flood* (Washington, D.C.: U. S. Government Printing Office, 1972).
12. Thomas S. Kuhn, *The Structure of Scientific Revolutions* 2ª ed. (Chicago: The University of Chicago Press, 1970).

Associação Ministerial Faz 65 Anos

Olhando para trás — olhando para a frente
— Olhando para o alto

Tratava-se de um moço alto e belo, que fora encontrar-me no aeroporto de South Bend, Indiana, a fim de levar-me de carro para um compromisso na Universidade Andrews. Soube logo que ele era um aluno do último ano de teologia. Perguntou-me, então, qual era o meu trabalho. Ouviu-me polidamente, quando lhe disse que era secretário da Associação Ministerial da Conferência Geral. Então ele me jogou uma indireta: "Mas o que significa isto? O que faz uma associação ministerial?" É uma pergunta que merece resposta.

Seja o que for que façamos, estivemos fazendo desde 1922. Isto nos leva a 65 anos de duração este ano. Sessenta e cinco anos é um bom espaço de tempo para refletir e perguntar a você mesmo o que realizou. É, também, uma boa ocasião para se fazerem alguns planos novos, de maneira que as pessoas saibam que não nos aposentamos.

Procurarei responder à pergunta do estudante com respeito ao que faz uma associação ministerial. Aos 65, olharemos para trás, onde estivemos, e o que pudemos realizar — depois olharemos para a frente, para onde vamos.

Olhando Para Trás

A Associação Ministerial foi sancionada na Sessão da Conferência Geral de 26 de maio de 1922. O título sugere que seu objetivo era fortalecer o ministério do evangelho em três aspectos: reunir informações relacionadas com o trabalho e os problemas dos pastores, criar um meio de transmitir estas informações e estimular os jovens que se estavam preparando para o ministério.¹

A. G. Daniells havia sido presidente da Conferência Geral por 21 anos. Era tempo de uma mudança, e ele não foi reeleito. Contudo, aos 64 anos, ele não estava nem um pouco disposto a aposentar-se. Dessa forma, em 25 de setembro de 1922, foi escolhido como o primeiro secretário ministerial, e nascia a Associação Ministerial.

A Justificação Pela Fé Converteu de Novo a Daniells.

Quando presidente da Conferência Geral, de 1902 a 1922, Daniells dedicou-se a enfrentar a crise Kellog, transferindo o centro de atividades para Washington, DC, e expandindo grandemente nossa obra no estrangeiro. Ele serviu amplamente de meio para o desenvolvimento de nossa organização atual e a formação dos departamentos. Tornou-se "o senhor maquinaria".

Daniells admitiu mais tarde que as premissas administrativas haviam feito com que ele negligenciasse sua própria experiência espiritual. A eficiência na administração havia ocupado o primeiro lugar. A desobrigação da presidência trouxe sentimentos de rejeição e a tentação de ser crítico da nova liderança. Ele achava que precisava reconquistar sua própria condição espiritual caso devesse prestar auxílio a nossos ministros. Durante 1923 e 1924 ele estudou e reestudou os princípios que defende a Mensagem do Advento.²

Daniells não havia estado na Conferência Geral de 1888 para ouvir o realce dado à Justificação pela Fé. Estava servindo como missionário na Nova Zelândia. Ele fala mais tarde com pesar de seu desconhecimento

dos princípios que sustentam a Justificação pela Fé. Depois que ele estudou o assunto, um dos artigos preferidos passou a ser o escrito por Ellen White em Review de 22 de março de 1887, precisamente antes da conferência de 1888. Diz o artigo: “Um reavivamento da verdadeira piedade entre nós é a maior e mais urgente de todas as nossas necessidades. Buscá-lo deve ser nossa principal ocupação.” Mais adiante ele pergunta: “Fechais a porta ao bendito Salvador, porque estais despreparados para Sua presença?” Ele não permitiria isto em sua própria vida. Estudando as conclusões de 1888 detida e intensamente, sentiu-se gradualmente atraído de novo para seu Senhor. A Justificação pela Fé tornou-se para ele uma realidade gloriosa e uma experiência pessoal com Cristo.

Falando de um relacionamento íntimo com Cristo, ele escreveu a L. E. Froom em 1927: “Creio nele porque o tenho experimentado em minha própria vida. Ele me veio num bosque na Nova Zelândia, quando eu atravessava uma crise em meu trabalho ali. Ele permaneceu comigo durante anos e operou eficazmente nos corações de outros. Contudo, em anos administrativos posteriores as ocupações privaram-me daquele sentimento da presença permanente, de Cristo, e me transformaram em um formalista. Agora estou retornando àquele companheirismo com meu Senhor...”

“Durante quarenta longo anos o Senhor esteve procurando levar-nos àquela experiência pentecostal, a fim de preparar-nos para a eficiência no evangelismo, mas temos caído numa armadilha após outra e assim invalidamos o propósito do Senhor. O institucionalismo, o administracionismo, o financialismo, o missionismo estrangeiro — um após o outro nos têm prendido de tal maneira que nunca chegamos ao batismo, o fim mais importante de todos.”³

A maior parte da liderança eleita na Conferência Geral de 1888, defendia a Justificação pela Fé. O. A. Olsen, que substituiu G. I. Butler como presidente, aceitou-a e a ensinava. Na década dos 90, ela recebeu realce considerável. Ellen White tomou posição ao lado dos jovens Waggoner e Jones, e viajava com eles para reuniões campais e das igrejas, pregando a Justificação pela Fé. Muitos que originalmente se opuseram, mudaram de idéia, ou enfraqueceram como líderes.

A nova chama bruxuleou, contudo, ao entrarmos no século XX e nos defrontarmos com conflitos internos impelentes. A reorganização era imperativa durante a presi-

dência de Daniells. Mas se Daniells pode ser acusado de permitir que assuntos de organização empanassem o realce sobre a Justificação pela Fé nos anos 1900 e 1910, deve-se também creditar a ele o seu realce e o torná-la sua preocupação dominante quando deixou a presidência e se tornou secretário ministerial na década dos 20. A recém-nascida associação ministerial concedeu de maneira entusiástica principal prioridade à Justificação pela Fé.⁴

A ASSOCIAÇÃO NOS DIAS DE DANIELLS

Daniells iniciou seu trabalho em favor da Associação realizando reuniões ministeriais sobre Justificação Pela Fé. Ele viajou bastante durante 1923, 1924 e 1925. As reuniões eram realizadas nas regiões Sudoeste, Oeste e Nordeste dos Estados Unidos. Em 1926, ele escreveu CRISTO JUSTIÇA NOSSA, o primeiro livro da Associação. O livro se tornou o compêndio para as reuniões realizadas em todo o mundo. O reavivamento acompanhou o despertar dessas reuniões. Homens como L. E. Froom, Meade MacGuire, Taylor Bunch e Carlyle B. Haynes apreenderam o espírito de reavivamento de Daniells, aceitaram-lhe a mensagem de Justificação pela Fé e, por meio de seu próprio ministério, multiplicaram-lhe o sucesso.⁵

Daniells foi convidado em 1922 para continuar os deveres administrativos por meio período, como secretário de campo da Conferência Geral, juntamente com seu trabalho como secretário ministerial. Em 1926, ele deixou o posto administrativo. A associação necessitava dele por tempo integral. L. E. Froom se uniu a ele em 1926 e Meade MacGuire logo depois, ambos como secretários. Em 1927 havia um secretário ministerial de divisão em cada divisão mundial.⁶

L. E. Froom estivera estudando e pregando sobre o Espírito Santo. Em 1928 a Associação publicou seu livro como o segundo. O título do livro era: THE COMING OF THE COMFORTER (A Vinda do Consolador).

As reuniões tinham suas limitações. Mesmo com três homens na Associação e os outros colaborando como conferencistas, não se podia cobrir o campo mundial. Tornava-se necessário um método de comunicação escrita.

A princípio, a Associação enviou uma série de boletins mimeografados. Estes, muitas vezes incluíam mensagens apresentadas nas reuniões. As diversas especialidades exigiam anúncios práticos e métodos bem-sucedidos em sua própria área. Listas

separadas de inscrições e boletins foram preparados por pastores, evangelistas, evangelistas do canto, obreiros bíblicos, professores de Bíblia, capelães de sanatórios e outros.

Não funcionou muito bem. Na verdade, a Associação não havia esperado que funcionasse. Cada especialidade queria saber o que estava sendo dito às demais. Tornava-se urgente a publicação de um jornal. Este era o sonho da Associação.

A princípio os dirigentes da Conferência Geral pareciam ver isto mais como um pesadelo. "Não possuímos recursos para publicar outro jornal", argumentavam eles, "alguns boletins e uma ou duas páginas na *Review seriam suficientes.*" Como, porém, aumentou a demanda pelos boletins, estes se tornaram dispendiosos. Além disso, o campo queria um jornal. Foi autorizado THE MINISTRY, e foi publicado o primeiro exemplar, número um, em janeiro de 1928. Em 1930, estava por volta de 2.500 exemplares.

Froom fazia a maior parte da edição. Daniells era como um pai para ele. Na verdade, Daniells muitas vezes assinava as cartas a ele enviadas, usando a palavra "Pai". Daniells deixou a Associação em 1931, com 73 anos de idade. Os dois continuaram ligados intimamente até a morte de Daniells quatro anos mais tarde.

Froom manteve erguida a tocha de seus conselheiros. Ele escreveu o seguinte, no primeiro artigo do primeiro número de MINISTRY: "Em 1888 atingimos uma nova época neste movimento. Chegara a hora para que se anunciasse uma verdade negligenciada — a mensagem da 'justificação pela fé', na moldura da tríplice mensagem. Era-nos dito que essa mensagem culminante, com a experiência requerida que a acompanha, era que dava início ao alto clamor. Ela devia ser ouvida. Ela constitui aquilo que deve coroar e completar a nossa obra. Débil a princípio, deve ela crescer até retumbar com a intensidade do trovão, para que penetre em cada ouvido humano.

"'A Justificação pela Fé' não é um lema nem uma frase de efeito. Não é apenas uma doutrina para se obter aprovação mental. É uma experiência viva, que deve tornar-se uma realidade pessoal em todos os que hão de triunfar com o movimento. Não é algo separado do movimento; é sua própria essência — 'na verdade, a mensagem do terceiro anjo'. Ela não minimiza as verdades características que nos tornam um povo separado; clarifica-as e as intensifica numa época de apostasia, e as faz refulgir com a radiante luz do Céu. Comunica-lhes poder espiri-

tual. Reveste o movimento e sua mensagem com seu poder culminante."⁷

A ASSOCIAÇÃO EM ANOS MAIS RECENTES

Nos 65 anos de sua existência, houve apenas seis secretários da Associação Ministerial da Conferência Geral: A. G. Daniells (1922-31), I. H. Evans (1931-41), L. E. Froom (1941-50), R. A. Anderson (1950-66), N. R. Dower (1966-80), J. R. Spangler (1980-85), W. F. Bresee (1985 até o presente).⁸

Quando Daniells morreu, havia na Associação um secretário e dois secretários-associados para servirem a 2.355 ministros, uma média de 1 para 785. Em 1985 havia um secretário, três secretários-associados, um secretário-assistente e dois editores-assistentes. Há um pouco menos de cinco orçamentos de viagem para atender aos 15.685 ministros, numa média de 1 para cada 3.137.⁹ O pessoal da CG não está aumentando tanto como o número de ministros do campo — nem precisa.

Embora os secretários ministeriais da divisão já venham sendo escolhidos desde o início da Associação, foi somente em 1942 que Oliver Montgomery disse: "Não há nenhum secretário de união ou de associação local, mas os contatos são feitos diretamente com as associações, uniões e com o próprio obreiro."¹⁰ Uma vez que quase todas as associações e uniões têm agora secretários ministeriais que executam seus próprios programas, e desde quando existem seis vezes mais ministros do que quando a associação começou, não é nem possível nem conveniente que a Associação Ministerial da CG receba o impacto que recebeu no passado por meio das conferências. Agora o Instituto de Pesquisa Bíblica dá preponderância ao estudo e defesa de nossas doutrinas, mais do que o faz a Associação Ministerial.

Enquanto ela se torna cada vez menos realista ou necessária para servir o ministro individualmente através do trabalho do campo desde a sede mundial, torna-se mais e mais importante e necessário que nossa obra do campo se concentre em preparar secretários de divisão, de união e locais que possam servir diretamente o ministro individualmente. Uma coisa é certa, o ministro precisa tanto de ajuda no reavivamento de seu relacionamento pessoal com Cristo hoje em dia, como necessitava quando a Associação começou com seu realce convincente sobre Cristo, Justiça nossa. Essa necessidade deve ser satisfeita pela Associação Ministerial em algum nível, e por

outros métodos eficazes.

A sessão da Conferência Geral de 1941 recomendava que um dos três secretários da Associação Ministerial fosse "um evangelista experiente e bem-sucedido", e que o outro fosse "um obreiro bíblico qualificado e experiente". Se os primeiros anos da Associação foram assinalados por um realce primário sobre a Justificação pela Fé e um realce secundário sobre o evangelismo, os anos mais recentes talvez sejam assinalados por um realce primário sobre o evangelismo e um realce secundário sobre a Justificação pela Fé.¹¹

OLHANDO PARA A FRENTE

O que está fazendo agora a Associação Ministerial? No começo deste quinquênio, o pessoal da Associação ministerial da Conferência Geral passou muitos dias trabalhando com um grupo, discutindo juntos os planos e objetivos para 1985-1990. Permite-me contar-lhes alguns dos nossos planos e preocupações:

Colheita 90. O evangelismo ainda tem a primazia. Neste quinquênio, esse realce se concentra na liderança da Associação sobre a Colheita 90. No fim de 1986, depois dos primeiros seis dos possíveis 20 trimestres, ultrapassamos nosso alvo de batismo em 22,5% do alvo total de dois milhões de almas. Na verdade, batizamos 607.162, ou seja, 157.162 além do nosso alvo. Estamos instando com cada pastor para que dirija pelo menos uma série evangelística de alguma espécie cada ano, e cada pessoa do escritório que porta uma credencial de ministro ou de licenciado, para que se envolva em duas ou mais séries evangelísticas durante o quinquênio.

Estamos crescendo agora tão rapidamente como o fizemos 65 anos atrás? No começo de 1922 tínhamos 198.088 membros. No final, havia 208.771, um crescimento de 1.683 — 5,39%. No início de 1986 tínhamos 4.716.859 membros. No término daquele ano, havia 5.033.062, um crescimento de 316.203 — 6,70%. Agora estamos crescendo muito mais do que naquele tempo!

A Revista Ministry. Os primeiros números de *Ministry* foram enviados a 2.500 leitores. Hoje, cada novo número é um sermão e é enviado a 230.000 ministros de todas as fés.

Na coluna "Agora" abaixo, está indicada a porcentagem de artigos que pretendemos publicar atualmente sobre cada assunto no decorrer do ano. A coluna "Antes", compa-

ra estes com os artigos de página inteira do primeiro número da revista, em janeiro de 1928:

Assunto	Antes	Agora
Vida Espiritual do Ministro	17%	20%
Relacionamento Familiar do Ministro	0%	10%
Esposa do Ministro	6%	10%
Teologia	17%	20%
Habilidades Profissionais	39%	20%
Problemas Comuns	5%	10%
Diálogo	11%	5%
Miscelânea	5%	5%
	100%	100%

Surpreendentemente, "Antes" e "Agora" são semelhantes. Pelo menos no primeiro número, *Ministry* falou menos sobre família e mais sobre habilidades profissionais e diálogo do que o fazemos agora. **Livro Doutrinário.** Desde o seu início, a Associação tem publicado de tempos em tempos, livros destinados aos ministros e outras pessoas profissionais, tanto dentro como fora da Igreja. Estes livros não se destinam às pessoas sem cultura, por um lado, ou aos teólogos por outro, mas àqueles que estão em algum estágio entre eles. Esperamos que ele seja útil especialmente aos ministros não adventistas que se tornaram interessados no Adventismo por meio da leitura de nossa revista ou assistindo a um dos aproximadamente 100 seminários PREGUE que realizamos para eles anualmente.

Educação Contínua. Este programa foi reforçado pelos ministros adventistas mediante uma ação tomada no Concílio Anual do Rio de Janeiro de 1986. Os empregadores são obrigados agora a fornecer contínua instrução disponível a seus ministros. Quando as licenças ministeriais são renovadas, a comissão encarregada deve verificar o registro de instrução contínua do ministro. Se o ministro não se mantém à altura de sua profissão, produzindo em média ao menos 20 horas de instrução contínua por ano, o administrador que emprega deve ajudá-lo a conseguir alcançar.

Centro de Abastecimento Ministerial. Este novo centro possui agora séries de filmes "As Boas Novas Para Hoje" e Produções Multivisuais. Eles ajudam os campos locais a adaptarem as projeções luminosas a suas línguas e culturas. Uma divisão está trabalhando atualmente em seis dessas adaptações. Enviamos projetores econômicos, úteis em especial em áreas remotas do mundo. Outros implementos para o ministério incluem Ordenação Ministerial, Batismo e Certificados de Profissão de Fé.

O manuscrito foi concluído para ser um novo manual de batismo. Baseia-se em todas as 27 Crenças Fundamentais da Igreja, conforme se encontram no *Manual da Igreja*. Ele estará logo disponível através do Centro de Abastecimento Ministerial, juntamente com um resumo do folheto *Let's Get Acquainted*, que insere os novos membros na organização, programas e convívio da Igreja.

O realce geral da Igreja sobre o desenvolvimento de uma estratégia global para atingir o mundo inteiro com nossa mensagem, requererá que alguém coordene a criação de meios usados através de normas da divisão e em todo o mundo. Supomos que o Centro de Abastecimento Ministerial ajudará a atender esta necessidade.

Estágio. Com todo o nosso realce digno de louvor, em anos recentes, sobre treinamento acadêmico avançado para o ministério, temos negligenciado um dos melhores programas educativos disponíveis ao ministro iniciante — o estágio ministerial. Pode-se aprender melhor algumas coisas numa sala de aulas; qualquer espécie de habilidade, porém, seja pregar ou tocar piano, aprende-se melhor fazendo. Somos injustos ao criticar nossas escolas por não ensinarem bastante prática. O fato é que se aprendem melhor as práticas por meio da experiência do campo, ensinadas por um professor-modelo num ambiente de pessoa para pessoa. Isto se chama estágio.

Esperamos preparar um curso que deve ser tomado por supervisores de estagiários, que os ajude a se tornarem professores-modelo mais eficientes. Pretendemos preparar também uma série de mini-cursos em vídeo-cassete, destinada a tornar o estagiário conhecido do ministério. Esta pode ser tomada pelo próprio estagiário, pelo estagiário e seu supervisor, ou por um grupo de estagiários liderados por seu secretário ministerial.

Valorizar o Trabalho do Pastor. O pastor deve tornar-se mais respeitado como parte significativa do processo de tomar decisões na Igreja. Mesmo o melhor administrador ou diretor de departamento, que não tenha sido pastor por 20, 30 ou 40 anos, está em séria desvantagem quando tenta pregar como uma autoridade na igreja local e como esta pode ser mais produtiva. Na verdade, ele pode aconselhar melhor se já foi pastor de igreja. Estando ali por muito tempo, tem a tendência de achar que conhece bem a congregação local, quando na realidade sabe apenas o que ela era décadas atrás.

A Igreja está usando pessoas leigas cada vez com maior freqüência em conselhos e comissões, e isto é muito bom; a menos que, como ocorre muitas vezes, indique isto que um número de pastores cada vez menor está pregando em seus foros. Quando a igreja local é vista mais firmemente como o centro das atividades da denominação e dos esforços evangelísticos, o pastor, como cabeça da entidade, deveria ser mais ouvido e respeitado.

Se a congregação local é o sangue vital da Igreja, se não há nenhum chamado mais importante do que o pastorado, não cremos que aqueles que estão escolhendo deixar suas congregações pelo trabalho de escritório devam receber um aumento de salário por fazê-lo.

Descrição do Trabalho do Secretário Ministerial. Preparamos uma descrição do trabalho recomendado para o secretário ministerial e ainda a estamos aperfeiçoando, para nos certificarmos de que ela abrange todo o campo mundial. O plano é elaborar um MANUAL DO SECRETÁRIO MINISTERIAL, para que o secretário local e seus administradores tenham prontas sugestões disponíveis quando fizerem planos quanto à maneira em que o secretário pode melhor servir o seu campo.

A descrição do trabalho sugere: "Espera-se que o secretário ministerial local seja o pastor, advogado e amigo do ministro. O secretário ministerial representa seu presidente junto aos ministros do campo local. Mais importante ainda, ele representa os ministros junto a seu presidente. Não lhe compete interferir na disciplina de um ministro, se necessária, nem defender os erros do ministro. Todavia, o moral de um campo é levantado e os ministros preservados para o ministério, se puderem sentir-se livres para ir ao secretário ministerial e saber se ele sempre os defenderia como pessoas, não importa o problema. Se possível, o secretário ministerial deve ser outro que não o presidente. O interesse pastoral do presidente por seus obreiros é louvável, mas o empregador não pode servir de ligação entre empregado e empregador."

Este é um assunto muito delicado, e só tomamos posição depois de procurarmos aconselhar-nos amplamente. O secretário ministerial não deve agir em oposição a seu presidente. Sua responsabilidade é defendê-lo e cooperar com ele. Ao mesmo tempo, uma de suas principais responsabilidades é defender o ministro individualmente. Ele é um elo de ligação entre o presidente e o

pastor. O secretário ministerial mantém um pé na sala do presidente e o outro no escritório do pastor, fazendo o melhor para coordenar o programa um do outro. Muitos pastores vêem seu secretário ministerial como estando com ambos os pés na sala do presidente, apontando o dedo para o pastor.

Viagens ao Estrangeiro. Pretendemos aumentar continuamente as viagens ao estrangeiro até que pelo menos 60% de nosso tempo sejam gastos fora da América do Norte, no final do quinquênio. Em 1986 chegamos apenas a 39%.

Por causa das despesas com viagem, uma excursão a países estrangeiros deveria incluir um período de várias semanas, e isso geralmente significa compromissos em vários campos. Isto requer muito planejamento, em geral em nível de divisão, de maneira que não conhecemos muito essas solicitações.

Por serem menos dispendiosas, as viagens domésticas podem ser para um acontecimento patrocinado pelo próprio campo. Estas são muito mais fáceis de se providenciar, e recebemos literalmente centenas de pedidos dessa espécie cada ano. Temos,

porém, fortes pressentimentos de que não é justo gastar 61% de nosso tempo de viagem numa divisão que tem 14% dos membros.

ConcÍlios Mundiais de Ministros. Na tentativa da liderança de diminuir as despesas da Conferência Geral em 1985, o Pastor Neal Wilson reuniu todo o grupo e nos incentivou a apresentar sugestões de redução de gastos. Um empregado sugeriu: "À luz dos milhões de dólares que ela representa para a Igreja, por que não suprimir nossa Sessão da Conferência Geral?" A resposta do Pastor Wilson foi algo mais ou menos assim: "Por dispendiosa que possa ser, é totalmente necessário que os representantes da Igreja como um todo se reúnam cada dois anos para chegar a consenso sobre a administração de nossa Igreja, se desejamos continuar sendo uma igreja mundial."

Estou convencido de que ele estava certo. Também estou convencido de que é igualmente necessário que os representantes da igreja mundial se reúnam a cada poucos anos para reafirmar nossas crenças doutrinárias básicas, se quisermos continuar sendo uma igreja universal. Por essa razão, estamos planejando o Concílio Mundial de Ministros para 1990, não como um pequeno acréscimo à Sessão da CG, mas como uma oportunidade para levar nossa li-

derança mundial a assentar-se aos pés de nossos mais dedicados estudiosos da Bíblia e reafirmar-lhes a confiança nas doutrinas que nos unem como um povo.

OLHANDO PARA O ALTO

Temos olhado para trás e para a frente, mas em nosso 65º aniversário a Associação Ministerial deseja colocar acima de tudo o nosso desejo de ajudar cada ministro adventista a se manter olhando para o alto.

L. E. Froom, editor de *MINISTRY*, foi enviado a Glendale, Califórnia, pela Conferência Geral, para passar as últimas seis semanas da vida de Daniells ao lado do idoso homem. Juntos eles terminaram o livro *O PERMANENTE DOM DE PROFECIA*. Dez dias antes da morte de Daniells, Froom perguntou se ele gostaria de enviar uma mensagem através das páginas do *MINISTRY* como sua exortação de despedida ao ministério adventista. Daniells resumiu o que ele gostaria de dizer, e Froom levou para sua sala e deu forma final. Em 21 de março de 1935 Froom o trouxe de volta para aprovação, mas Daniells estava muito fraco. Parecia uma imposição até mesmo lê-la, mas Daniells quis ouvir. Na metade de sua leitura, Froom olhou de relance e viu lágrimas correrem pela face do idoso patriarca. Froom terminou a exortação, que acabava com um "Amém". Daniells respondeu com todo o entusiasmo que seu velho coração cansado pôde reunir: "Amém" e AMÉM!" Apropriado na ocasião e agora, Froom acrescentou o segundo "Amém" ao manuscrito, e é assim que ele aparece no *MINISTRY*. Daniells morreu em 22 de março.¹²

Terminamos com trechos daquela exortação:

"Exorto solenemente a todos, diante de Deus, a que sejais fiéis a vossa responsabilidade ministerial, fiéis à expectativa de vosso Deus e fiéis às grandes verdades do movimento do advento... São necessários na Igreja grandes avanços, e sois aqueles que deveríeis realizá-los... Deus requer um reavivamento espiritual e uma reforma espiritual em vossas fileiras, e estes devem vir mediante um ministério espiritual verdadeiro...

"Vou para o meu descanso, firme na bendita esperança que me tem fortalecido através dos anos. Meus Deus conhece o meu coração. Minha confiança está firmada nele. Comprometamo-nos nesta hora solene a nos encontrar no reino de nosso bendito Senhor prestes a vir. Amém e amém."¹³

Referências:

1. "Establishment and Charter", THE MINISTRY, janeiro de 1928, pág. 32
2. L. E. Froom, MOVEMENT OF DESTINY (Washington, DC: Review and Herald, 1971), pág. 377.
3. A. G. Daniells, carta a L. E. Froom, Arquivos da C. G., Washington, 13 de março de 1927.
4. Froom, págs. 375-408.
5. *idem*, pág. 395.
6. L. E. Froom, carta a A. G. Daniells, Arquivos da C. G., Washington, DC, 7 de janeiro de 1927.
7. "Irresistible Power — in a Movement Whose Time Has Come", THE MINISTRY, janeiro de 1928, pág. 5.
8. De relatórios da comissão de nomeação da sessão da Conferência Geral, Arquivos da C. G., Washington, DC.
9. 123º Relatório Estatístico Anual, 1985 — Compilado pelos funcionários dos Arquivos e Estatísticas, Conferência Geral dos ASD, Washington, DC.
10. Oliver Montgomery, CHURCH ORGANIZATION AND ADMINISTRATION (Washington, DC: Review and Herald, 1942), pág. 232
11. SEVENTH-DAY ADVENTIST ENCYCLOPEDIA (Washington, DC: Review and Herald, 1966), pág. 799
12. "Intimate Story of the 'Charge'", THE MINISTRY, maio de 1935, pág. 2.
13. "Farewell Charge to the Advent Ministry", THE MINISTRY, maio de 1935, pág. 1.

WILLIAM H. SHEA — Professor de Teologia na Universidade Andrews, Michigan, Estados Unidos

Armagedom: Local e Significado

Pelo fato de a sexta praga de Apocalipse 16:12-16 conter referências específicas a determinados pontos geográficos — Eufrates e Armagedom — tem-lhe sido dispensada maior atenção do que às pragas precedentes, que se referem de um modo mais geral às chagas, ao sangue, ao calor e à escuridão. Em face do grande interesse por essas referências geográficas, deve-se examinar mais pormenorizadamente o local e o simbolismo do Antigo Testamento de onde surge.

A BABILÔNIA HISTÓRICA E O EUFRATES

O rio Eufrates, mencionado no versículo 12, é bem conhecido, e não há problemas em se saber o que representa. O curso do rio leva-nos à cidade de Babilônia, e a referência ao secamento de suas águas nos conduz a um acontecimento histórico dos tempos do Antigo Testamento, quando a súbita redução de seu caudal contribuiu para a queda militar de Babilônia. Os exércitos da Média e da Pérsia, no Leste, marcharam sobre Babilônia no mês de Tishri (outubro) do ano 539 AC, e entraram na cidade andando pelo leito do Eufrates.

Segundo Heródoto (*Los nueve libros da la história* [Madrid, Hyspamérica, 1982], págs. 72-74), os persas desviaram o Eufrates para canais que haviam aberto e, dessa forma, conseguiram entrar na cidade pelo leito do rio. Embora os persas possam ter controlado a cidade de Babilônia dessa maneira, é pouco provável que tenham desenvolvido o grande projeto de engenharia hidráulica descrito por Heródoto. As *Crônicas de Nabonidos* apresentam argumento contra um projeto dessa magnitude. Ciro atacou o exército babilônico em Ópis, no Tigre, no começo de Tishri (sobre a descrição, veja-se A. L. Oppenheim, "Babylonian and Assyrian and Historical Texts", ANET [Ancient Near Eastern Texts], pág. 306). Em seguida caiu Sippar, a 14 de Tishri, e dois dias depois uma divisão das tropas de Ciro conquistou a Babilônia.

Não só as datas ligadas àquela campanha indicam que os persas não se preocuparam em desenvolver um esquema tão complicado como o que é pintado por Heródoto, como o mês em que ocorreu mostra que tal estratégia era desnecessário. O curso do Eufrates tem seu maior refluxo em Tishri, de modo que a própria Natureza preparou a ro-

ta do rio para que os persas ingressassem na cidade. Dessa forma, um rei do Oriente — Ciro — penetrou vitorioso em Babilônia, graças à vazante das águas do Eufrates. Esse episódio levou ao livramento do povo de Deus, porque foi Ciro quem permitiu que os judeus no exílio voltassem para sua terra (Esdras 1 e 2).

Todos estes acontecimentos foram profetizados em Isaías 44:24-45:6. Nestes textos, Jeová falou às águas e beneficiou a Ciro: "Seca-te, e Eu secarei os teus rios" (Isa. 44:27). Assim sendo, a queda não se deu em virtude da engenharia persa, mas por ordem de Deus, que exerce soberania sobre a Natureza. Naqueles acontecimentos, Ciro agiu como simples instrumento na mão de Jeová, razão pela qual foi chamado o pastor ungido por Jeová. Deus prometeu também "abrir diante dele as portas, e as portas não se fecharão... quebrarei as portas de bronze, e despedaçarei os ferrolhos de ferro (Isa. 45:1 e 2). Nunca se explicou como foram abertas as portas que davam para o rio. Visto ser Nabonidos um rei impopular em Babilônia, pensou-se que houvesse conspiradores dentro da cidade, os quais abriram as portas aos conquistadores. Outra possibilidade seria a perspectiva de a mesma mão que escreveu na parede do palácio, na noite em que Babilônia caiu (Dan. 5:5 e 25), ter aberto as portas da cidade aos persas.

Quando se considera a analogia de Apocalipse 16:12 com o histórico secamento do rio Eufrates, surge um fato singular: a fraseologia de Apocalipse refere-se à vinda de uma figura messiânica que, em virtude de sua vitória, libertará o povo de Deus.

AS "ÁGUAS DE MEGIDO" E O "MONTE DE MEGIDO"

A passagem que se refere à sexta praga não descreve uma batalha; fala apenas dos preparativos para ela. Nos aprestos para a próxima batalha do "grande dia do Deus todo-poderoso" (Apoc. 16:14), reúnem-se as forças de uma tríplice coalisão maligna "no lugar que em hebreu se chama Armagedom" (Apoc. 16:16). Na passagem que se refere ao início da praga, deve-se observar a diferença entre a figura aqui revelada, e a que é empregada no caso do secamento do Eufrates. O rio que desce pelo vale de Jezreel e passa junto a Megido em direção ao mar, não é o Eufrates mas o Quisom. Por sua vez, é Babilônia, e não Megido, a cidade que está situada junto ao Eufrates na Mesopotâmia. Esta mistura de metáforas parece

ser intencional, e deveria dizer-nos alguma coisa a respeito da natureza da batalha do grande dia do Deus todo-poderoso, que acompanha essa praga. Isso deveria alertar também o comentarista contra o excesso de literalismo, ao interpretar estas referências num contexto de entidades políticas atuais no Oriente Médio ou em outra parte.

A analogia profética ou a lição que se extrai do fato histórico do Armagedom, só pode ser determinada depois de se precisar o lugar ao qual se refere. Lamentavelmente, isto não tem sido fácil, e tem havido grandes discrepâncias entre os comentaristas bíblicos, como diz G. E. Ladd: "A palavra 'Armagedom' é difícil de interpretar; o equivalente hebreu seria *har-megidom* — o monte de Megido. O problema é que Megido não é um monte, mas uma planície situada entre o Mar da Galiléia e o Mediterrâneo, e parte do Vale de Jezreel (Esdraelom). Foi um famoso campo de batalha na história de Israel. Em Megido, Débora e Baraque derrotaram o cananeu Jabim (Jos. 5:19); Jeú matou a Acazias (II Reis 9:27; ver também II Reis 23:29; II Crôn. 35:22). Não está claro por que João se refere ao Monte Megido. R. H. Charles diz que na literatura hebréia não há uma interpretação convincente que esclareça esta frase... Qualquer que seja, porém, a procedência do nome, é evidente que João menciona com o nome de Armagedom o lugar da batalha final entre os poderes do mal e do reino de Deus" (G. E. Ladd, *A Commentary on the Revelation of John* [Grand Rapids, Mich., 1972], pág. 216).

Uma atenção maior à geografia da Palestina teria ajudado a evitar a armadilha em que caíram Ladd e outros comentaristas. Embora Megido não seja um monte, como também não é uma planície, era uma cidade. Como tal, estava situada na planície ou no vale denominado Jezreel ou Esdraelom. A cidade não dá nome ao vale nem recebe o nome deste, pelo fato de nele estar situada. Contudo, é possível identificar vários aspectos da topografia dos arredores das cidades antigas chamando-os pelo nome da cidade — prática muito comum em hebreu — e, quando isso é feito, emprega-se junto uma construção lingüística expressa por um genitivo possessivo. É o caso de Juizes 5:19, que situa o campo de batalha no qual se encontraram as forças de Jabim e Sisera com as de Débora e Baraque, nas proximidades das "águas de Megido".

Que eram as "águas de Megido"? Uma olhadela pela topografia do Vale de Jezreel, e a leitura do Cântico de Débora, são suficientes para identificá-las. Megido estava

situada no setor Sul da planície de Esdraelom, e o curso de água que percorria o vale, bem como Megido, constituíam o Wadi Quisom. Na verdade, há identificação das "águas de Megido" com "o ribeiro de Quisom" no Cântico de Débora (comparar Juízes 5:21 e 5:19).

O ponto importante é que Jeová, o Deus que controla tudo e emprega os elementos da Natureza para atingir Seus objetivos, trouxe a tormenta que encheu o Quisom e o fez transbordar. A chuva, e o rio transbordante, transformaram o vale de Jezreel num atoleiro no qual os carros dos cananeus ficaram detidos e não puderam manobrar. Dessa forma, Deus concedeu a Seu povo uma grande vitória junto às "águas de Megido".

Por analogia com este acontecimento histórico e a corrente construtiva do genitivo possessivo, "as águas de Megido" e o "monte de Megido" devem ficar perto da cidade. Megido estava situada ao pé da encosta norte da zona que os modernos geógrafos da Palestina comumente chamam de cadeia montanhosa do Carmelo. Não obstante, a Bíblia não utiliza jamais essa terminologia específica. A referência ao Carmelo aparece vinte vezes no Antigo Testamento, e em dezesseis delas aparece como nome de lugar, sem estar relacionado com um determinativo como "monte" ou "montanhas". Em três das dezesseis vezes, é poeticamente comparado com Basã e a Transjordânia (Isa. 33:9; Jer. 50:19 e Neem. 1:4), e numa ocasião é comparado a Sarom, a planície que se estende em direção ao Sul (Isa. 35:2).

Em quatro ocasiões se identifica o Carmelo com determinativos, que sempre estão no singular: "o monte do Carmelo" ou "Monte Carmelo" (nunca "os montes do Carmelo"). Duas dessas referências contam a experiência de Elias (I Reis 18:19 e 20), e outras duas surgem da narração referente a Elias (II Reis 2:25; 4:25). Assim como a expressão "as águas de Megido" se refere ao rio que corre junto a Megido, mas ao que se conhece com outro nome — Wadi Quisom — também o "monte de Megido" bem poderia ser identificado com a montanha vizinha a Megido, embora ela seja conhecida com outro nome: o Monte Carmelo. Com base nessa proximidade geográfica, bem como na analogia histórica e textual, "o monte de Megido(n)" em Apocalipse 16:16 pode ser identificado como o Monte Carmelo.

ANALOGIA COM APOCALIPSE 16:16

O monte de Megido, de Apocalipse 16:16,

poderia ser identificado com o monte Carmelo, não só do ponto de vista geográfico, mas pelo aspecto histórico. Assim como a figura do secamento do Eufrates é tirada de uma histórica batalha no tempo de Ciro, na qual Babilônia foi conquistada, e da mesma forma como a batalha junto às águas de Megido se refere a uma batalha específica e famosa no vale de Jezreel, também o monte Carmelo foi o local de outra batalha histórica famosa nas Escrituras: a batalha entre Elias e os profetas de Baal (I Reis 18). Essa batalha não foi travada com o emprego de armas, mas, ao contrário, foi um conflito grandemente espiritual. Esta é a batalha da qual se pode tirar a figura de que depende "a batalha do Armagedom" em Apocalipse. Todos os principais elementos seguintes apresentam um estreito paralelismo histórico com I Reis 18.

Se o dragão de Apoc. 16:13 representa de alguma forma o poder do Estado, então esse poder foi representado por Acabe no conflito do Monte Carmelo. Se besta de Apoc. 16:13 está relacionada com a de Apoc. 13 e com a mulher impura de Apoc. 17 e 18, como uma manifestação de religião apóstata, então esse elemento foi representado por Jezabel no encontro do Monte Carmelo (veja-se também a referência a Jezabel em Apoc. 2:20). Naturalmente, admite-se que Jezabel, de acordo com I Reis 19:1, não esteve presente na luta, embora fosse ela que, como princesa fenícia e rainha de Israel, introduzisse o culto a Baal na urdidura e na trama da vida do reino do norte. O terceiro ponto que liga suas forças ao monte Megido, segundo Apoc. 16:13, seria o falso profeta. Esta é a primeira vez que a expressão "falso profeta" aparece no livro do Apocalipse. Os falsos profetas foram claramente representados no monte Carmelo, onde havia 850 deles (I Reis 18:19). (Como se pode notar, Elias saiu do oriente, vindo de Tisbe, em Gileade.)

Finalmente, o fogo que desceu de Deus e consumiu o sacrifício de Elias e tudo o que o cercava, pôs fim à contenda sobre o monte Carmelo. Os profetas de Baal foram passados à espada no Wadi Quisom. Uma vez mais, deve-se salientar que a sexta praga não descreve a luta real de uma batalha, mas apenas os preparativos para a peleja. O dragão, a besta e o falso profeta convidam a todos os seus seguidores para que se reúnam no Monte de Megido, como Elias conclamou Acabe e todo o Israel no monte Carmelo para entrarem em combate. Todavia, a batalha que se esboça no transcurso da sexta praga, é travada em Apoc. 19:11-

21. Esta é a batalha do Armagedom, ou, mais propriamente dita, a "batalha do grande dia do Deus todo-poderoso" (Apoc. 16:14). Essa batalha será travada quando Cristo vier do Céu como Rei dos reis e Senhor dos senhores junto com as hostes celestiais. E a vitória será alcançada de modo semelhante, pelo fogo que cairá e consumirá a besta e o falso profeta (Apoc. 19:21), e pela espada que acabará com seus seguidores (vers. 21). Essa espada utilizada, como nos tempos de Elias, é a espada que sai da boca do Rei dos reis (vers. 15 e 21).

CONCLUSÃO

Com base na analogia com o fato histórico do Antigo Testamento, apresentada pelas imagens de Apoc. 16:16, este conflito fi-

nal deveria ser fundamental e essencialmente um conflito espiritual, pois os principais contendores são seres sobrenaturais: Cristo e Seu arquiinimigo, "o grande dragão, a antiga serpente, chamada o diabo e Satanás, que engana todo o mundo" (Apoc. 12:9). O desafio para o povo de Deus nesse tempo será o que Elias enfrentou quando orou diante do ajuntamento: "Ó Senhor, Deus de Abraão, de Isaque e de Israel, manifeste-se hoje que Tu és Deus em Israel... para que este povo conheça que Tu, Senhor, és Deus, e que Tu fizeste tornar o seu coração para trás" (I Reis 18:36 e 37). E a resposta de fidelidade naquele tempo encontrará uma expressão adequada na aclamação da congregação reunida no Carmelo: "Só o Senhor é Deus! Só o Senhor é Deus!" (vers. 39).

Ouvindo o Último Sermão

"Deus quer desviar a mente da convicção da lógica para uma convicção mais profunda, elevada, pura e gloriosa. Muitas vezes a lógica humana tem quase extinguido a luz que Deus quer fazer brilhar em claros raios, para convencer os homens de que o Senhor da Natureza é digno de todo o louvor e glória, porque Ele é o Criador de todas as coisas.

"Alguns ministros erram em tornar seus sermões inteiramente argumentativos. Pessoas há que escutam a teoria da verdade e são impressionadas com as provas apresentadas; então, se Cristo é apresentado como Salvador do mundo, a semente lançada pode brotar e dar frutos para a glória de Deus. Mas freqüentemente a cruz do Calvário não é apresentada perante o povo. Alguns talvez estejam escutando o último sermão que lhes será dado ouvir, e, perdida a oportunidade áurea, está perdida para sempre. Se, juntamente com a teoria da verdade, Cristo e Seu amor redentor houvessem sido proclamados, esses poderiam ter sido atraídos para o seu lado." — *Evangelismo*, pág. 193.